A representação feminina em *Forçadamente mulher, forçosamente mãe* (1994), de Dina Salústio

The female representation in Forçadamente mulher, forçosamente mãe (1994), by Dina Salústio

Submetido em: 08/09/2024
Aceito em: 28/11/2024

Rafael Curty Ribeiro[1]
José Ignacio Ribeiro Marinho[2]

Resumo: O presente estudo tem por objetivo tecer algumas considerações sobre o desenvolvimento da Literatura de Cabo Verde, abordar a importância da escritora Dina Salústio nas produções literárias do país e analisar a representação feminina em um de seus contos. A primeira seção busca apresentar inicialmente como ocorreu a colonização das ilhas de Cabo Verde e como teve início a sua produção literária, dando destaque para a língua crioula falada nas ilhas até chegar em um período em que as mulheres começam a escrever. A segunda seção apresenta Dina Salústio e sua contribuição para a literatura do país insular, ressaltando a sua coletânea de contos *Mornas eram as noites* (1994). Por fim, a última seção, ancorada na análise de conteúdo, apresenta uma análise temática do conto *Forçadamente mulher, forçosamente mãe*, buscando delinear a representação da adolescente Paula que se tornará mulher e mãe à força.
Palavras-chave: Literatura de Cabo Verde; Dina Salústio; *Mornas eram as noites*; Mulher; Mãe.

Abstract: The aim of this study is to discuss the development of Cape Verdean literature, the importance of the writer Dina Salústio in the country's literary productions and to analyse the representation of women in one of her short stories. The first section seeks to initially present how the colonization of the Cape Verde islands took place and how their literary production began, highlighting the Creole language spoken on the islands until reaching a period when women began to write. The second section presents Dina Salústio and her contribution to the literature of the island country, highlighting her collection of short stories *Mornas eram as noites* (1994). Finally, the last section, anchored in content analysis, presents a thematic analysis of the short story *Forçadamente mulher, forçosamente mãe*, seeking to delineate the representation of the adolescent Paula who becomes a woman and mother by force.
Keywords: Cape Verde Literature; Dina Salústio; *Mornas eram as noites*; Woman; Mother.

Introdução

A escrita feminina na literatura de Cabo Verde, um país insular da costa ocidental da África, somente ganhou forças após a independência do país, que ocorreu muito tardiamente, em 5 de julho de 1975. A sociedade do arquipélago é marcada por ser patriarcal e de pensamento machista, enxergando a mulher como uma figura subalterna ao homem. Segundo Queiroz (2010b, p. 46), a história das mulheres das ilhas é uma saga, cujo combate vem sendo traçado desde seu

[1] Graduado em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: rafaelcurty049@gmail.com. Lattes: http://lattes.cnpq.br/8627406875960123. Orcid: https://orcid.org/0009-0000-2980-2187
[2] Doutorando em Estudos de Literatura (Literatura Comparada) pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: josebrenatti@gmail.com. Lattes: http://lattes.cnpq.br/1190055152229839. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-7136-8537

nascimento, nas lutas diárias travadas pela sobrevivência e na busca de um lugar de reconhecimento na sociedade cabo-verdiana. Assim, as escritoras que surgiram tiveram que enfrentar inúmeras barreiras para conseguir que suas produções literárias chegassem aos leitores do país e saíssem do espaço geográfico das ilhas.

Da tapeçaria literária cabo-verdiana ganham destaque, nas décadas após a independência, autoras como: Orlanda Amarílis (1924-2014), Ivone Ramos (1926-2018), Maria Margarida Mascarenhas (1938-2011), Ondina Ferreira (1909-2000), Vera Duarte (1952-), Dina Salústio (1941-), dentre outras.

Uma voz potente da escrita feminina cabo-verdiana é Dina Salústio, que deu lugar de fala às mulheres, com personagens protagonistas e narradoras de suas lutas e vivências (muitas vezes tristes) nas ilhas que formam o país. Consoante Simone Caputo Gomes,

> Dina vai delineando, em solo crioulo, uma escritura feminina, pintando e tecendo, através da experiência e do caminho de autoconhecimento, quadros vivos do seu povo e do seu país que nos permitem reconhecer um pouco mais do *modus vivendi* no arquipélago. E vai além, na assunção de uma consciência da condição mulher e na reavaliação da condição humana (Gomes, 2008, p. 237).

Dina Salústio é um exemplo de mulher cabo-verdiana que driblou a sociedade onde vive, abrindo espaço na literatura para as mulheres escreverem e denunciarem as condições de exploração que muitas sofrem, além dos diversos tipos de violência contra a mulher que ocorrem recorrentemente no arquipélago, como por exemplo a violência sexual e o abandono de adolescentes grávidas por seus companheiros, como será analisado no conto *Forçadamente mulher, forçosamente mãe,* na última seção deste estudo.

O presente trabalho tem por objetivo apresentar inicialmente o surgimento da literatura cabo-verdiana e como as misturas étnicas e linguísticas que ocorreram no país influenciaram em sua literatura. Em seguida, pretende-se trazer à tona algumas considerações sobre como teve início e prosseguiu a escrita feminina na literatura de Cabo Verde, tomando a escritora Dina Salústio e um de seus contos da obra *Mornas eram as noites* como objeto de estudo para verificar como se dá a representação feminina em sua narrativa.

O trabalho recorrerá à metodologia de revisão bibliográfica juntamente com à análise de conteúdo.

Para compor o estudo das duas primeiras seções recorremos a autores que abordam em seus textos e trabalhos a Literatura de Cabo Verde, literatura de autoria feminina, personagens e narradoras mulheres, Dina Salústio e os contos de *Mornas eram as noites*. Os autores tomados como objetos de estudo da revisão bibliográfica são: Gomes (2008 e 2010); Ferreira (1997); Salgado (2008); Paz e Scarton (2018); Queiroz (2010); e Côrtes, Santos e Santos (2018).

Para estudar um dos 35 contos de *Mornas eram as noites* recorremos à análise de conteúdo. De acordo com Franco, a análise de conteúdo é "um procedimento de pesquisa que se situa em um delineamento mais amplo da teoria da comunicação e tem como ponto de partida a mensagem", possibilitando ao pesquisador, "fazer inferências sobre qualquer um dos elementos da comunicação: (i) as características do texto; (ii) as causas e/ou antecedentes das mensagens; (iii) e os efeitos da comunicação" (2008, p. 20).

Desse modo, com base na metodologia proposta, analisaremos o conto *Forçadamente mulher, forçosamente mãe*. A análise consistirá em verificar os anseios da personagem feminina do conto, que se tornará mãe precocemente, ainda adolescente. O conto será analisado com base em seu enredo, personagem e narração, para que seja delineada a representação feminina da mulher e mãe cabo-verdiana. Será adotada uma leitura criteriosa e analítica, selecionando trechos do texto, fazendo inferências com o contexto de produção do conto e tomando como base o contexto da real sociedade de Cabo Verde. Também recorremos, nesta parte do estudo da análise do conto, às teorias de Paz e Scarton (2018); Queiroz (2010); Barbosa (2016); e Anjos (2005).

A literatura de Cabo Verde e a escrita feminina

Cabo Verde é um país insular do continente africano, ou seja, é um país formado por ilhas, mais precisamente dez ilhas, sendo a ilha principal a de Santiago, por concentrar a maior parte dos habitantes do país. As demais ilhas são: Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal, Boa Vista, Maio, Fogo e Brava.

As ilhas foram encontradas pelos portugueses por volta dos anos 1460, no século XV, e estavam desabitadas. Portugal transformou essas ilhas em mais uma de suas Colônias, passando a receber navegantes de diferentes lugares do mundo, o que dará origem a um povo miscigenado. A miscigenação nas ilhas deu-se,

essencialmente, através de portugueses e africanos, que são o principal elemento da população das ilhas, advindos de diferentes lugares do continente africano, especialmente da Guiné. Outros povos também participaram dessa miscigenação, embora em menores quantidades, como italianos, ingleses, franceses e espanhóis das Canárias.

A mistura étnico-linguística desses diferentes povos foi responsável por criar a língua crioula que se tornaria a língua mais utilizada pelos cabo-verdianos na comunicação cotidiana. Embora a língua portuguesa seja a língua oficial do país, a maioria comunica-se pela língua crioula e mesmo a língua portuguesa no país sofreu transformações. Segundo Côrtes, Santos e Santos (2018, p. 51), "o crioulo, língua pertencente à comunicação diária no país, tomou as formas específicas do espaço físico e imaginário, fazendo surgir um novo cidadão: o mestiço". Consoante Gomes (2008, p. 147), "em meio à diversidade insular, a língua crioula, a culinária, a literatura de expressão portuguesa e a música" são elementos aglutinadores que formam a cultura singular de Cabo Verde.

A literatura de Cabo Verde, de acordo com Manuel Ferreira (1977), não teve uma expressão colonial assim como os demais países africanos de língua portuguesa: Angola, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Isso ocorreu, segundo Ferreira, porque na literatura colonial o homem negro aparecia nos textos como que por acaso, não tinham papéis relevantes nos textos literários. Já a literatura de Cabo Verde surgiu com o romance *O escravo* (1856), embora de um português, José Evaristo D' Almeida, trazendo em seu enredo personagens negros em sua maioria, sendo o espaço da narrativa a ilha de Santo Antão. Essa obra aborda temáticas da escravidão e da valorização do homem da África, apresentando as tensões e conflitos de uma sociedade em transformação. Dessa forma, o aparecimento do universo cabo-verdiano demonstra que não houve no país uma literatura colonial, mas sim o início de uma literatura africana de expressão portuguesa. Assim, Ferreira (1977, p. 22) salienta que os autores de Cabo Verde "procedem às suas abordagens colocando-se dentro do universo cabo-verdiano e o seu registro é dominado pelo concurso de algumas das contradições do sistema social, donde uma mensagem criticamente positiva e esclarecedora" acaba surgindo. Côrtes, Santos e Santos ressaltam que na Literatura de Cabo Verde "a questão da cor e da aculturação não é ponto de destaque por haver a 'harmonia racial' [...]. A circunstância da ausência de literatura colonial e

de questões como a aculturação leva às condições próprias de aparecimento da literatura cabo-verdiana" (2018, p. 53). Ferreira destaca que:

> Considera-se a autêntica literatura cabo-verdiana aquela que exprime a cabo-verdianidade, ou seja, o conjunto de textos cujo enunciado reflete o real cabo-verdiano. Com frequência, e alguma veemência, a partir da década de trinta, a questão ficou devidamente clarificada e demarcada embora nem sempre isenta de excessos, como quase sempre acontece em momentos de ruptura (e a parte de responsabilidade que nisso nos cabe não a queremos enjeitar) (Ferreira, 1977, p. 21).

A literatura de Cabo Verde que busca verdadeiramente representar a identidade do país ganha força a partir da década de 1930, com a revista *Claridade* (1936-1957), com Baltazar Lopes e Manuel Lopes. Baltazar, em 1947, lança o romance *Chiquinho*, considerado o romance fundador da literatura moderna de Cabo Verde, em que o escritor traz em sua introdução expressões em crioulo, como forma de deixar claro o espaço da língua crioula na cultura do país. Em 1944, surge a revista *Certeza* e novos escritores despontam (Jorge Barbosa, António Nunes, Pedro Cardoso, Januário Leite, dentre outros) falando de temas que assolam as ilhas cabo-verdianas, como a fome, a miséria, a seca e a emigração. A partir desse período, começam a aparecer algumas escritoras nas ilhas, já que as produções literárias eram predominantemente concebidas por homens até o momento. Nesse contexto, surge Orlanda Amarílis, uma contista que aborda em seus contos retratos da vida da mulher cabo-verdiana e retratos da diáspora dos emigrados de Cabo Verde.

As mulheres cabo-verdianas, em sua maioria, têm uma vida sofrida, lutando para sustentar seus filhos, muitas vezes sozinhas. Segundo Gomes,

> Em Cabo Verde, grande número de famílias tem por chefe uma mulher. Fatores econômicos, sociais, culturais e a emigração masculina têm impactado diretamente a fragilidade da família, com consequente instabilidade da mulher e dos filhos menores (Gomes, 2010, p. 93).

Somando a isso, Luiz e Monteiro ressaltam que:

> Pelo fato de Cabo Verde não dispor de recursos naturais e, frequentemente, ser assolado por secas sazonais, a sua população, na maioria masculina, recorria à emigração como forma de sobrevivência e esperança de uma vida melhor. Esse movimento migratório de homens muitas vezes casados acabou gerando outro problema social: mulheres e filhos abandonados (Luiz; Monteiro, 2016, p. 492).

Após a independência de Cabo Verde, a literatura feminina emergiu com um vigor renovado, refletindo as transformações sociais e culturais do país insular. Esse movimento literário, enraizado em questões de identidade, gênero e resistência, torna-se um espelho das realidades vividas pelas mulheres cabo-verdianas. As autoras, ao abordarem os desafios e as conquistas do novo contexto político, usam a ficção como uma ferramenta poderosa para expressar suas vivências e aspirações. Assim, a literatura não apenas documenta a evolução social, mas também contribui para a construção de uma nova narrativa nacional que valoriza a voz feminina como agente ativa na sociedade. Segundo Gomes,

> Depois de 1975 e, sobretudo, a partir dos anos noventa, a voz feminina, silenciada pela História da Literatura em Cabo Verde, tem propiciado o aparecimento de uma temática centrada na mulher, em suas ocupações, preocupações, dilemas e novas posturas (cumplicidade, curiosidade, liberdade, loucura, bruxaria, bebedeira, [...] prostituição, maternidade precoce, violência conjugal, abuso e prostituição infantis, pedofilia, machismo são linhas constantemente desenvolvidas pelas autoras) (Gomes, 2008. p. 155).

Queiroz vai ao encontro de Gomes ao afirmar que:

> a produção literária feminina cabo-verdiana vai mais além e traz à tona textos, cujos temas revelam as experiências sociais das mulheres de Cabo Verde, muitas vezes colocando-se como metonímia ou representante da parte pelo todo de tantas mulheres que vivem os mesmos dilemas, as mesmas paixões e desencantos, destacando suas angústias e medos, assim como suas conquistas. A escritura de autoria feminina em Cabo Verde busca representar o cotidiano de mulheres que reinventam a historicidade do dia-a-dia, enfatizando o mundo doméstico feminino, os avanços à emancipação das mulheres, bem como as violências sociais e discriminações sofridas, a iniciação sexual precoce muitas vezes, culminando em uma gravidez indesejada, a falta de planejamento familiar, a prostituição enfim, a problemática social que insiste em se estabelecer em Cabo Verde (Queiroz, 2010a, p. 4-5).

É nesse contexto que surgirá Dina Salústio, destacando que:

> Em Cabo Verde, numa sociedade profundamente machista, retrógrada e pobre, houve um silêncio total sobre o que as mulheres escreveram desde o período em que se atribui o nascimento da nossa literatura, meados do século XIX, até à independência, em 1975 (Salústio, 2018).

Dina Salústio e sua obra *Mornas eram as noites* (1994)

Bernardina de Oliveira Salústio é uma escritora de Cabo Verde, conhecida como Dina Salústio, que nasceu na Ilha de Santo Antão, em 1941. Além de escritora, foi professora, jornalista e assistente social. Em 1998, Dina ganha visibilidade na literatura cabo-verdiana ao publicar o primeiro romance do país escrito por uma mulher, *A Louca de Serrano*. Neste mesmo ano, ainda publicou a obra infanto-juvenil *A estrelinha tlim, tlim*. Nos anos seguintes, a escritora continuou as suas produções literárias com a seguintes obras: *Violência contra as mulheres* (1999); *O que os olhos não veem* (2002); *Filha do vento* (2009); *Filhos de Deus: contos e monólogos* (2018); *Veromar* (2019); e *Uma menina de cristal e outras crônicas* (2023).

Entretanto, sua estreia na literatura não se deu com o romance publicado em 1998, e sim com o livro de contos e minicontos intitulado *Mornas eram as noites*, publicado em 1994. Essa obra é uma coletânea de 35 contos que tem mulheres como protagonistas e narradoras que representam as cabo-verdianas. Segundo Paz e Scarton:

> As narradoras dos contos [...] impressionam ao transmitir cada sentimento de angústia, medo ou, ainda, de estranheza à própria essência do "ser" mulher. Nesse sentido, ao questionar o que é ser mulher, ocorre a busca por uma escrita que incorpore a alma feminina e seus segredos. Assim, encontramos uma autora capaz de descobrir diferentes nuances e dilemas da mulher contemporânea (Paz; Scarton, 2018, p. 135).

Salústio tenta colocar em suas obras como é viver nas ilhas de Cabo Verde, trazendo para sua escrita a cultura, as pessoas, o mar e as mulheres do país. A insularidade para a escritora:

> revela-se como uma força avassaladora no universo cabo-verdiano que envolve a condição do escritor-ilhéu, sempre dominado por seu espaço, num cenário marcado pelo sentimento de isolamento, de injustiça, de solidão e de angústia, mas também, em contrapartida, um espaço que alimenta voos de amplitude, de desejo, de liberdade e de solidariedade, marcas tão caras à literatura cabo-verdiana que, segundo a escritora, tornam-se um legado à literatura universal, uma vez que os sentimentos de fragilidade, solidão e angústia configuram conflitos que encontram eco em qualquer parte do planeta (Salgado, 2008, p. 37-38).

Sobre o título de sua coletânea de contos cabe destacar que a "morna" é o símbolo de Cabo Verde. O título da obra de Salústio:

> reitera a associação da prosa com o poético ao dar relevo à morna, modalidade musical típica de Cabo Verde, que veicula a poesia oral. Tradicionalmente canto de mulher, o entendimento do lugar cultural da morna no mundo cabo-verdiano pode derramar outras luzes sobre a significação do título: "música eram as noites" é uma leitura para *Mornas eram as noites*. Música de mulheres, em que a mulher é a peça principal. Para além, música de nacionalidade e identidade. Como preâmbulo à coletânea, a autora assinala: "De como elas se entregam aos dias" (Gomes, 2008, p. 219).

Paz e Scarton (2018, p. 137) salientam que em *Mornas eram as noites*, há um olhar de descoberta das condições das mulheres cabo-verdianas através de histórias ricas em epifanias. Salústio dá voz às mulheres que, muitas vezes, estão vulneráveis na sociedade de Cabo Verde, vistas como objetos e sendo tratadas com descaso, mesmo essas mulheres trabalhando na agricultura, nas poucas indústrias do país ou na construção civil para sustentar seus filhos, na maioria das vezes sem o amparo do esposo, porque muitas são abandonadas. Conforme Salgado, grande parte das curtas histórias de seus contos:

> constrói-se como instantâneos de cenas contundentes, muitas vezes angustiantes, algumas vezes bem-humoradas e outras vezes até plenas de sonho e esperança. Cenas que envolvem quase sempre mulheres, cercadas por circunstâncias sociais como a pobreza, a doença, a violência, os preconceitos, mas também flagrantes que enfocam os espaços domésticos e as sutis relações entre familiares, amigos e conhecidos. São histórias que se voltam para as mais variadas classes e tipos sociais, abraçando personagens e cenários da sociedade cabo-verdiana, revelando-nos antes de tudo um narrador comprometido ao extremo com o mundo circundante, atento e sensível aos dramas que percebe a sua volta (Salgado, 2008, p. 38).

As mulheres protagonistas desses 35 contos são vítimas de violências (física, moral, psicológica, patrimonial e sexual), desigualdade de gênero e social, vivendo em um país com uma sociedade de pensamento patriarcal. Ou seja, Dina Salústio apresenta aspectos da feminilidade cabo-verdiana, contrariando "uma cultura patriarcal e androcêntrica, que não vê a mulher como parte ativa dela, mas submetida àqueles que são mais 'fortes'" (Paz; Scarton, 2018, p. 135).

O conto *Forçadamente mulher, forçosamente mãe*

A narrativa *Forçadamente mulher, forçosamente mãe* é o décimo quinto conto da coletânea *Mornas eram as noites* (1994), de Dina Salústio. O referido conto, assim como os demais da coletânea, tem mulheres como as personagens principais.

> As mulheres de Dina Salústio são mães, são amigas, são adolescentes, mas são, acima de tudo, fortes, mesmo que ainda sejam vítimas de violência, de descaso e de incompreensão. As personagens contam uma história de Cabo Verde, falam da sociedade, dos sentimentos íntimos de mulheres, e nos fornecem um pedacinho de pertencimento frente ao pouco que podemos conhecer da sua insularidade e experiências (Paz; Scarton, 2018, p. 144).

A protagonista do conto é a adolescente Paula, com dezesseis anos de idade, que se encontra grávida do(a) primeiro(a) filho(a), não sendo especificado o sexo do bebê, carregando “penosamente uma barriga enorme” e “sozinha” (Salústio, 2002, p. 35). A omissão do sexo da criança no conto pode ser uma escolha intencional de Salústio, destacando a universalidade da experiência da gravidez e os desafios que ela traz, independentemente do gênero do(a) filho(a). Ao não especificar se a criança é menino ou menina, o texto convida o leitor a refletir sobre as expectativas sociais e os estereótipos associados a cada gênero. Se Paula estiver esperando uma menina, isso pode originar diversas preocupações e reflexões sobre a transmissão de valores, as limitações impostas pela sociedade e o desejo de proporcionar a ela um futuro diferente. Por outro lado, a possibilidade de ter um menino também levanta questões sobre masculinidade, responsabilidades e as pressões que ele poderá enfrentar. Desse modo, o silêncio sobre o sexo da criança amplia o foco para a mensagem central: a luta e o crescimento pessoal de Paula, além das complexidades da maternidade na adolescência.

Segundo Paz e Scarton (2018, p. 141), o conto é cíclico, pois a primeira oração apresenta quase o mesmo sentido que a última: “Em setembro fará calor” e “Para setembro haverá calor” (Salústio, p. 35-36). Assim, em setembro o tempo será quente, sendo o calor um dos males que assola as ilhas cabo-verdianas, e é neste período quente que Paula terá seu parto, transformando-se em mãe. Isso demonstra que o tempo passa, mas certas condições não mudam, como o que acontece na sociedade cabo-verdiana, onde muitas adolescentes serão mães sozinhas, despreparadas e sem vontade de exercer esse papel tão jovens (Paz; Scarton, 2018, p. 141).

A adolescente Paula começa a perceber que a gravidez inesperada e despreparada vai aos poucos transformando sua vida em algo que ela provavelmente não queria, ser mãe tão jovem e sozinha. A narração destaca que “Ainda há dias ela ria e dançava pelos cantos. E juntava conchinhas cor de rosa na praia. E colecionava sonhos. Que é das conchinhas? Que é dos sonhos?” (Salústio, 2002, p. 35). Infere-se desse trecho que Paula ainda era uma criança, brincava de juntar conchinhas na praia

e tinha muitos sonhos que, com a gravidez na adolescência, tornar-se-ão mais difíceis quanto à concretude. Paula vê sua vida sofrer uma metamorfose rápida e dolorida, em que seus sonhos e ilusões de menina “vão se perdendo nos vômitos da gravidez” (Salústio, 2002, p. 35).

Queiroz, ao analisar este conto, ressalta que:

> O estilo inquisitivo [...] de Dina Salústio conduz à reflexão sobre a situação das adolescentes cabo-verdianas acometidas pela constância da ocorrência da gravidez precoce, de jovens à maternidade, de jovens que, como Paula, experimentam o sofrimento de se transformarem em mães solteiras, sem recursos materiais, assistenciais e emocionais (Queiroz, 2010b, p. 101).

A voz que narra o conto aparenta não concordar com os destinos das mulheres e meninas da sociedade cabo-verdiana. Isso fica evidente no trecho: “Aos dezesseis anos não se devia ter filhos. A natureza não soube fazer as contas. Aos dezesseis anos não se devia carregar culpas. Nem vergonhas” (Salústio, 2002, p. 35). A voz da narrativa ainda queria ver Paula revoltada e com raiva de sua situação, mas ela apenas “chora às escondidas” e “faz contas à vida e às luas” para a hora de a sua criança nascer (Salústio, 2002, p. 35). A própria voz da narrativa ressalta como alguém seria forte e armada para sentir raiva e revolta sendo tão jovem, ao dizer: “Mas por Deus, aos dezesseis quem pode ter essa força toda? Quem pode estar tão armado?” (Salústio, 2002, p. 35).

Uma das interpretações que se pode fazer do conto é que Paula, adolescente e sem experiência na vida amorosa, foi enganada por algum homem que lhe prometeu casamento e uma vida a dois feliz, acabando por engravidá-la e abandoná-la, deixando-a sozinha e com um(a) filho(a) para cuidar. Em “[...] lágrimas de todas as crianças traídas. E esfomeadas” (Salústio, 2002, p. 35), é possível depreender que na sociedade cabo-verdiana muitos homens abandonam as mulheres para cuidarem dos(as) filhos(as) sozinhas, tendo que lidar não apenas com a dor emocional do abandono, como também com as condições precárias para conseguir criar seus(suas) filhos(as), incluindo a fome e a miséria.

Ademais, as mulheres cabo-verdianas que não são mais virgens e são mães solteiras têm que enfrentar uma sociedade machista, onde elas serão malvistas e não poderão mais se casar. Segundo Barbosa (2016, p. 51), a virgindade em Cabo Verde, muitas vezes, é “levada às últimas consequências, às vezes exigindo a elas a

comprovação de sua inexperiência e pureza". Já os homens nascem aprendendo que as mulheres são propriedades suas, podendo ter relacionamentos extraconjugais, o que é admissível pela sociedade, enquanto as mulheres que traem seus companheiros são difamadas e discriminadas.

Paula poderá ser considerada pela sociedade insular como uma "pixinguinha", termo que se refere às mulheres que relacionam sexualmente sem serem casadas. Para Anjos, o termo é compreendido como:

> Pixingaria é, em Cabo Verde, a expressão local para designar um tipo de comportamento sexual juvenil que não é necessariamente percebido como prostituição, embora se pressuponha que na maior parte das vezes envolva a troca de algo material por sexo. São chamadas de pixinguinhas desde as meninas de classe média, que ficam com vários namorados em troca de jantares e frequência a boates caras, as ingênuas e sonhadoras que, por imaturidade, se deixassem levar pelas promessas de amor eterno até as mães precoces de classe popular que se prostituem para alimentar filhos (Anjos, 2005, p. 165).

A adolescente do conto de Salústio, mesmo que seja inocente e ingênua, poderá ser classificada como uma "pixinguinha" pela sociedade local por ter se deixado levar por falsas promessas, perdido sua virgindade e engravidado. De acordo com Barbosa (2016, p. 52), uma menina como Paula seria estigmatizada para o compromisso matrimonial, sendo excluída das expectativas e pedidos de casamento por não ser mais virgem. Muito provavelmente, com status social de "pixinguinha", nenhum homem irá querer casar e construir família com ela. Enquanto o homem que a seduziu e a enganou não será julgado, podendo seguir sua vida normalmente, sem a responsabilidade de cuidar de um(a) filho(a) e poderá enganar outras mulheres e até constituir uma família. Consoante Anjos (2005, p. 166), para os homens cabo-verdianos "em geral as mulheres se dividem em sérias e 'pixinguinhas'. As primeiras devem ser seduzidas. As segundas, dominadas ou compradas". Paula ao tornar-se mãe solteira também enfrentará muito mais dificuldades para conseguir um bom emprego e dar uma boa condição de vida para si mesma e o(a) filho(a) que espera.

Outra interpretação possível para a curta narrativa de Salústio é o entendimento da gravidez como fruto de uma violência sexual, pois já no título traz as palavras "forçadamente" e "forçosamente", sendo a adolescente transformada de forma não consensual em mulher e mãe, sem que haja o desejo e preparo. Dina Salústio ressalta em sua obra *Violência contra as mulheres* que as violências às mulheres cabo-

verdianas no dia a dia vão desde o homicídio, partes do corpo quebrados e espancamentos, até as violações sexuais, como o assédio, o estupro, a prostituição e as vivências poligâmicas forçadas (1999, p. 35). Há uma passagem do conto que permite o leitor inferir que Paula poderia ter sido estuprada, como ocorre diariamente com muitas meninas das ilhas cabo-verdianas, que diz:

> Queria que ela e todas elas se juntassem e calassem para sempre os latidos daqueles que perseguem manhosamente as nossas meninas na quietude das noites. Com o seu ódio. E que os desfizessem com as suas mãos de mães abandonadas (Salústio, 2002, p. 35).

A voz da narrativa expressa o desejo de que todas as mulheres se unissem para dar um basta nos homens que perseguem as meninas na calada da noite "com seu ódio", estuprando-as, muitas vezes engravidando-as e traumatizando-as para sempre. O conto apresenta os homens (que violentam e enganam as meninas) como animais que devem ser calados "para sempre os latidos" com as "mãos de mães abandonadas".

Com a gravidez e sozinha, "Paula perdeu o olhar meigo e livre de adolescente. Agora apenas um rostinho triste e resignado que de longe em longe se abre [...]" (Salústio, 2002, p. 35). O conto termina por mostrar que ela ainda tem esperança de que algo bom possa acontecer em sua vida: "Porque a esperança dos dezesseis anos é a última coisa a deixar-se ir. Mas secará com o primeiro leite do primeiro filho. Secará como os sonhos da adolescente forçadamente mulher. Forçosamente mãe" (Salústio, 2002, p. 36). Assim, em setembro, mais uma jovem menina abandonará seus sonhos para cuidar sozinha de uma criança nas ilhas de Cabo Verde, tornando-se forçadamente/forçosamente mulher e mãe. De acordo com Gomes (2008, p. 163), essa é uma realidade de muitas mulheres cabo-verdianas, que têm na maternidade precoce e despreparada um dos entraves mais significativos para conseguirem as suas emancipações.

Considerações finais

Dina Salústio, já em sua primeira obra literária, *Mornas eram as noites*, traz o universo das mulheres cabo-verdianas para a literatura de Cabo Verde. Segundo Spínola (1998, p. 206), a escritora usa sua escrita para denunciar e mostrar o que muitas mulheres das ilhas sofrem em seu dia a dia. Queiroz diz que:

> Dina trabalha em seus contos com a gravidez precoce, a adolescência muito cedo transformada em maturidade pela iniciação sexual prematura, a pedofilia, [...] a violência a que se submetem mulheres de família e prostitutas, a exploração sexual e a hipocrisia social que muitas vezes acompanha tal quadro (Queiroz, 2010b, p. 130).

No conto *Forçadamente mulher, forçosamente mãe*, o leitor conhece Paula, que é a representação de muitas meninas do arquipélago, que são engravidadas ainda adolescentes por homens que as enganam com promessas falsas e as abandonam, ou, ainda pior, são vítimas de abusos sexuais. Essas mulheres terão que enfrentar sozinhas o preconceito da sociedade por serem mães solteiras, lidando com o rótulo imposto pela sociedade de "pixinguinhas", além de terem que lidar com a fome e a miséria para conseguir sustentar seus(suas) filhos(as), muitas delas irão parar no mundo da prostituição por não terem oportunidades de emprego e não conseguirem um casamento.

Destarte, a obra de Salústio permite ao leitor uma reflexão sobre como as mulheres cabo-verdianas lidam com o descaso social e a violência contra a mulher. Consoante Santiago (2023, p. 74), no conto analisado neste estudo é possível ver "a partida de um sujeito em detrimento da chegada de outro, a partida da jovem menina para a chegada da mulher e mãe", que ocorre, como diz o próprio título do conto, de maneira forçada e forçosa.

REFERÊNCIAS

ANJOS, José Carlos Gomes. Sexualidade juvenil de classes populares em Cabo Verde: os caminhos para a prostituição de Jovens Urbanas Pobres. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 13(1): 216, janeiro-abril/2005.

BARBOSA, Evelise da Graça Lopes. *Violência sexual em Cabo Verde: uma análise diagnóstica*. Tese de Doutorado. 2016.

CÔRTES, Daynara Lorena Aragão; SANTOS, Isabela Batista dos; SANTOS, Jeane de Cassia Nascimento. A mulher cabo-verdiana na literatura: possíveis formas de representação. *Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura*, [S. l.], v. 30, p. 49-62, set. 2018.

FERREIRA, Manuel. *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa I*. Lisboa: Biblioteca Breve; Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1977.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. *Análise de Conteúdo*. Brasília: Liber Libro, 2008.

GOMES, Simone Caputo. *Cabo Verde: literatura em chão de cultura*. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.

GOMES, Simone Caputo. O arquipélago “literopintado”: escritura literária de autoria feminina em Cabo Verde. *Revista Scripta*, Belo Horizonte, v. 14, n. 27, p. 93-103, 2º sem., 2010.
PAZ, Demétrio Alves; SCARTON, Mithiele da Silva. A condição feminina em Mornas Eram As Noites, de Dina Salústio. *Revista Prâksis*, Novo Hamburgo, v. 2, p. 133-145, jul. 2018.
QUEIROZ, Sonia Maria Alves de. Breves reflexões sobre a representação social das mulheres cabo-verdianas: A hermenêutica do cotidiano. *Revela*, Periódico de Divulgação Científica da FALS, set/2010a.
QUEIROZ, Sonia Maria Alves de. *Literatura e representação social das mulheres em Cabo Verde: vencendo barreiras***.** Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2010b.
SALGADO, Maria Teresa. Noites nada mornas de Dina Salústio: a oportunidade do diálogo. *Abril*, Niterói, v. 1, n. 1, p. 36-40, ago. 2008.
SALÚSTIO, Dina. Entrevista: Uso o feminismo na escrita como um instrumento de denúncia. *Plataforma Média*. 9 de março de 2018.
SALÚSTIO, Dina. *Mornas eram as noites*. 3. ed. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional, 2002. 91 p.
SALÚSTIO, Dina. *Violência Contra as Mulheres*. Praia: ICF, 1999.
SANTIAGO, Ana Carolina. Subalternidade e maternidade: uma análise do conto “Forçadamente mulher, forçosamente mãe", de Dina Salústio. *FronteiraZ. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária*, n. 31, p. 64-79, 2023.
SPÍNOLA, Daniel. Mornas eram as noites. In: VEIGA, Manuel (Org.). *Cabo Verde: Insularidade e Literatura*. Paris: Karthala, 1998.